

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 24 - número 48 - outubro 2015

vol. 24 - número 48 - outubro 2015

Fundação Eng. António de Almeida



Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

NEGAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO EM NIKLAS LUHMANN

JOAQUIM BRAGA*

Resumo: Com este texto pretende-se articular dois conceitos que fazem parte da reflexão de Niklas Luhmann sobre os processos de formação de sentido. Trata-se dos conceitos de “negação” e “virtualização”, que, na teoria dos sistemas luhmanniana, contribuem, de forma decisiva, para a caracterização das operações dos sistemas psíquicos e dos sistemas sociais. Tendo em vista a compreensão do desempenho operatório das possibilidades de sentido inatualizadas no interior dos dois sistemas, um dos objectivos principais desta reflexão passa pela especificação conceptual da negação, bem como pela ampliação teórica do espectro das suas funções.

Palavras-chave: actualização, negação, selecção, sentido, virtualização.

Abstract: With this paper we intend to articulate two concepts that are part of Niklas Luhmann’s reflection on the processes of meaning formation. These are the concepts of “negation” and “virtualization,” which, in the Luhmannian systems theory, decisively contribute to the characterization of the operations of psychic and social systems. With a view to understanding the operative performance of the unactualized meaning possibilities within the two systems, one of the core objectives of this reflection involves the conceptual specification of negation, as well as the theoretical broadening of the spectrum of its functions.

Keywords: actualization, meaning, negation, selection, virtualization.

1. Introdução

À primeira vista, a coexistência teórica dos conceitos de “virtualização” e “negação” poderia, por si só, indicar o pressuposto, tantas vezes dissemi-

* Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Unidade I&D LIF – Linguagem, Interpretação, Filosofia; email: joaquim.braga@yahoo.com.

nado, de que o segundo é o efeito imediato do primeiro. Porém, a existência deste pressuposto assenta, em larga medida, na marginalização digital a que foi votada a virtualidade, nomeadamente através das construções semânticas apoiadas no binómio ontológico *real-virtual* e cuja articulação programática redundou na máxima “o virtual é a negação do real”. Apesar da imensa popularidade que atingiu, a crítica desta máxima não se encontra apenas nas inferências teóricas que Gilles Deleuze faz da filosofia bergsoniana. Como se depreenderá posteriormente, a relação sistémica entre negação e virtualização presente no pensamento luhmanniano sustenta, de forma positiva – porque estrutural –, as bases cognitivas e comunicativas da construção do real, e é dela que, em larga medida, também dimanam alguns dos critérios teóricos fundamentais que dão corpo à análise da sociedade moderna proposta pelo autor.

Na acepção luhmanniana, é possível encontrar uma *negatividade do virtual*, que, não sendo representativa dos pretensos efeitos ontológicos transportados pela máxima acima indicada, se revela como traço genésico das dimensões que determinam o próprio conceito de virtual. A especificidade deste último e do traço referido só podem ser aclarados quando situados no interior da questão do sentido – a *magna questio* que trespassa toda a teoria dos sistemas luhmanniana. É precisamente nesta questão que reside a rede conceptual fundadora e unificadora dos conceitos de negação e virtualidade, visto que o sentido gera o super-médium inter-sistémico através do qual consciência e comunicação se individualizam, interpenetram e autonomizam. O «primado funcional da negatividade»¹ nos processos de formação de sentido, tal como é descrito por Niklas Luhmann, permite-nos encontrar nele um dos pontos vitais para a compreensão da virtualidade e das suas múltiplas formas de manifestação.

Estando o pensamento de Luhmann comprometido com a elaboração e sistematização de uma teoria da sociedade – mormente as bases que permitem descrever a sociedade moderna como funcionalmente diferenciada –, a objectivação do primado da negação atinge a sua maior e melhor expressão nos processos comunicacionais inerentes às operações dos sistemas sociais. Embora o autor também aplique as estruturas do sentido às operações dos sistemas psíquicos, dando continuidade, nesse aspecto, à herança fenomenológica, é a ampliação teórica do sentido ao domínio dos sistemas sociais que nos revela, de forma cabal, os efeitos da negatividade do virtual nos processos de diferenciação da sociedade. Deste modo, a relação “negação-virtualização” tem já implícita a marca da diferenciação sistémica da socie-

¹ Niklas Luhmann, “Sinn als Grundbegriff der Soziologie”, In: Habermas, J./Luhmann, N., *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie – Was leistet die Systemforschung?* (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 10. Aufl., 1990), 25-100, 35.

dade, marca essa que nos obriga a acentuar tanto o prisma social da formação de sentido quanto as implicações funcionais que dele dimanam para a observação da evolução dos próprios processos de formação.

2. Sistema e sentido

Aceitando as premissas fundamentais da epistemologia construtivista e rejeitando a polarização sujeito-objecto incutida pela epistemologia cartesiana, Luhmann participa do pensamento filosófico moderno que intenta proceder à substituição da *Seinsfrage* (*Was?*), que percorre toda a metafísica clássica, pela *Sinnfrage* (*Wie?*). O “como?”, na sua expressão luhmanniana, gera o seu ponto de interrogação no interior das operações dos sistemas; e, na teoria dos sistemas luhmanniana, há dois sistemas que operam mediante a formação de sentido: sistemas psíquicos e sistemas sociais. O sentido é sempre um produto – e não uma qualidade, uma substância – das operações inerentes aos sistemas que dele fazem depender os seus registos autopoiéticos. Neste aspecto, a mesma ideia pode ser formulada a partir de Gilles Deleuze, nomeadamente quando, em *Logique du sens*, o filósofo afirma que «le sens n’est jamais principe ou origine, il est produit.»² Abandonada a ideia de que o sentido é somente uma categoria da consciência ou o puro resultado das formas de interacção linguísticas, é, pelo contrário, graças ao facto de os sistemas sociais e os sistemas psíquicos serem *Sinnsysteme* que os seus acoplamentos operatórios são exequíveis³. Ao contrário das pretensões de Jürgen Habermas, que apresenta a intersubjectividade mediada linguisticamente como o verdadeiro curso identitário do sentido, argumenta Luhmann que, dada a sua natureza pré-linguística, o sentido põe em jogo processos perceptivos – como, por exemplo, a minha percepção da percepção do outro – que não são redutíveis aos processos estritamente suportados pela linguagem.

Segundo Luhmann, o sentido é um produto das operações sistémicas que têm uma funcionalidade recursiva, sejam estas dirigidas ao passado (*kontingente Operationen*) ou, noutra dimensão temporal, às «possibilidades de observação» (*Beobachtungsmöglichkeiten*) futuras⁴. E dando consequência teórica a esta ideia que podemos compreender a concepção do «mundo como realidade virtual» (*die Welt als virtuelle Realität*)⁵. Trata-se, em rigor, de uma

² Gilles Deleuze, *Logique du sens* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1969), 90.

³ Niklas Luhmann, *Die Wissenschaft der Gesellschaft* (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2. Aufl., 1994), 620.

⁴ Niklas Luhmann, *Die Gesellschaft der Gesellschaft*, Band I (Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997), 47.

⁵ *Ibidem*.